

inCantare

Licenciada sob uma licença Creative Commons



ARTE NA ESCOLA – DESAFIOS E IMPASSES, UM ESTUDO DE CASO

Giovane Nascimento¹
Talita Miranda Ribeiro²

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar a problemática da linguagem dos profissionais do ensino de arte. A arte sempre esteve, de alguma forma, ligada à educação, foi instrumento que possibilitou a comunicação desde os primórdios. Quando utilizada de forma adequada agrega valor ao ensino, despertando o interesse dos alunos, por aguçar os sentidos, propiciando sensação de prazer. John Dewey, em seu texto *Arte como experiência* compreendia a arte sob uma perspectiva pragmática, nesse mesmo sentido Richard Shusterman, em seu texto *Vivendo a arte* propõe o que podemos chamar de vivência da arte. Sem dúvida nenhuma, em se tratando de formação humana, em que pese inúmeras pesquisas sobre o tema, ainda são poucos os avanços reais no que se refere às aplicações concretas na educação. A arte em seu sentido transversal a todas as disciplinas, ainda pode nos apresentar possibilidades de soluções para muitos episódios que, lamentavelmente, persistem no nosso cotidiano escolar.

Palavras-chave: Arte. Linguagem. Sensibilidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the problematic of the language used by art educators. Art has always been, somehow, linked to education. Art has been a communication tool since the beginning. When used properly, art can attract the interest of students by sharpening their senses and providing feelings of pleasure which adds value to teaching. John Dewey in his text *Art as Experience*, has considered art under a pragmatic perspective, so did Richard Shusterman, who in the text *Living the Art* has suggested what is called the art experience. With

¹ Professor do Programa de Mestrado em Cognição e Linguagem. Email: giovanedonascimento@gmail.com

² Estudante de mestrado do Programa de Mestrado em Cognição e Linguagem. Email: talitamiribeiro@hotmail.com

no doubt, when it comes to human development, despite the extensive research on the subject, there are few real advances in relation to concrete applications of art in education. The art in its transverse direction to all disciplines can still introduce us possibilities for solutions of many episodes that, regrettably, persist in our school routine.

Keywords: Art. Language. Sensibility.

APRESENTANDO O PROBLEMA

Desde 1996, a disciplina *Arte* foi inserida novamente no currículo educacional, atendendo à lei 9.394/96. Na primeira redação dessa Lei, o que se prescrevia era o seguinte: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. A nova redação, promulgada pela Lei 12.287, diz: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, alteração que nos mostra, além da obrigatoriedade da disciplina, a tentativa de valorização da cultura local.

Em atendimento à lei supracitada a arte deveria ser ministrada como matéria obrigatória nos diversos níveis da educação básica, no entanto, essa disciplina vem sendo ministrada nas escolas, enfrentando alguns entraves, tais como: a formação precária dos professores que atuam na disciplina, a falta de infraestrutura adequada, e a conseqüente desvalorização da disciplina no processo de formação dos alunos.

O nosso trabalho realizou uma pequena análise sobre o contexto dessa disciplina no município de Cachoeiro de Itapemirim. Em nossa pesquisa observamos que os professores da disciplina arte, em sua maioria, não são graduados na área específica, ou seja, não possuem Licenciatura Plena em Artes e, para atender a demanda necessária do Município, foco de nossa pesquisa, se valem de uma certificação advinda de um curso de 180 horas que não atende sequer as exigências mínimas de uma complementação pedagógica. Nesse sentido, um professor de

Português, por exemplo, acaba adquirindo o direito de se candidatar ao cargo de professor de arte, recebendo a denominação de não-habilitado.

Outra questão a ser observada se refere à falta de infraestrutura nas escolas, não atendendo as reais necessidades da disciplina como, por exemplo, uma sala de aula específica e materiais para os alunos desenvolverem adequadamente suas atividades. A disciplina exige diversos materiais/matéria prima e espaço, como mesas grandes que proporcionam liberdade para o desenvolvimento das tarefas, além do próprio arquivo e exposição das atividades criadas pelos alunos. Outra questão fundamental refere-se à inserção da arte no ambiente escolar na medida em que, historicamente, a disciplina luta contra um preconceito implícito, na medida em que a arte é vista por muitos ainda como ‘não-aula’, como um mero ‘passa tempo’, enfim, como uma ‘recreação’, se comparada às disciplinas ‘conteudistas’. De acordo com Read:

Toda a estrutura do sistema educacional é colocada em questão, justamente como o planejamento arquitetônico da escola, os métodos de ensino e de preparação de professores, e a avaliação dos resultados. E como não estamos preocupados com a produção desse artefato, o *escolar*, mas com a unidade orgânica da sociedade, o *cidadão*, devemos planejar o nosso sistema educacional sobre as linhas amplas de um cenário social. (READ, 2001, p. 249)

É triste ouvir dos alunos ao saírem de uma aula em que foi debatido um vídeo, frases do tipo: “não teve aula hoje”, “o professor passou só um vídeo”; ou ainda, da própria direção ou coordenação pedagógica quando entende o trabalho do professor de arte como mero decorador, ou, simplesmente, um organizador de “festinhas na escola”. Esse fato pode ser observado ainda quando os gestores educacionais de nosso país apontam os projetos culturais como mero apêndice do projeto político pedagógico. Apesar de uma suposta sensibilidade pela arte resta saber por qual motivo esses ideais não são incorporados ao currículo, como uma prática constante das atividades pedagógicas. A nosso ver, situações como essas precisam ser revistas para que a disciplina consiga cumprir seu real papel no processo de ensino aprendizagem. Read (2001) afirma sobre o sistema educacional: “Nossa educação teórica e palavrosa tende a reprimir essa preciosa dádiva da natureza”, no caso se referindo à arte.

OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE ARTE EDUCADORES EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

De acordo com um levantamento realizado por nós na Superintendência Regional de Educação de Cachoeiro de Itapemirim/ES, responsável pela coordenação de todos os municípios do sul do estado, anualmente é realizado o processo seletivo denominado DT (Designação Temporária), esse processo, oferecido no estado, volta-se para o preenchimento de vagas para todas as cidades e em todas as disciplinas que compõem o currículo do ensino fundamental e médio. Referindo-se a disciplina de arte no ano de 2013, 57 candidatos se inscreveram para concorrer ao cargo de habilitado e 342 candidatos para o cargo de não habilitado. Sendo habilitado o profissional graduado na área específica e não-habilitado aquele que fez um curso de extensão na área. Observou-se um número muito grande de candidatos não habilitados, isso se justifica devido à dificuldade de acesso aos cursos de graduação em arte oferecidos até então de forma presencial apenas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), situada na cidade de Vitória, capital do estado, localizada a 139 km de Cachoeiro de Itapemirim.

Ainda que insuficiente, em virtude da necessidade local, o número de profissionais graduados em arte para atender a demanda, apresentou um pequeno crescimento se compararmos o processo seletivo DT/SEDU/Cachoeiro de 2013 ao de 2012, como podemos conferir no gráfico a seguir:

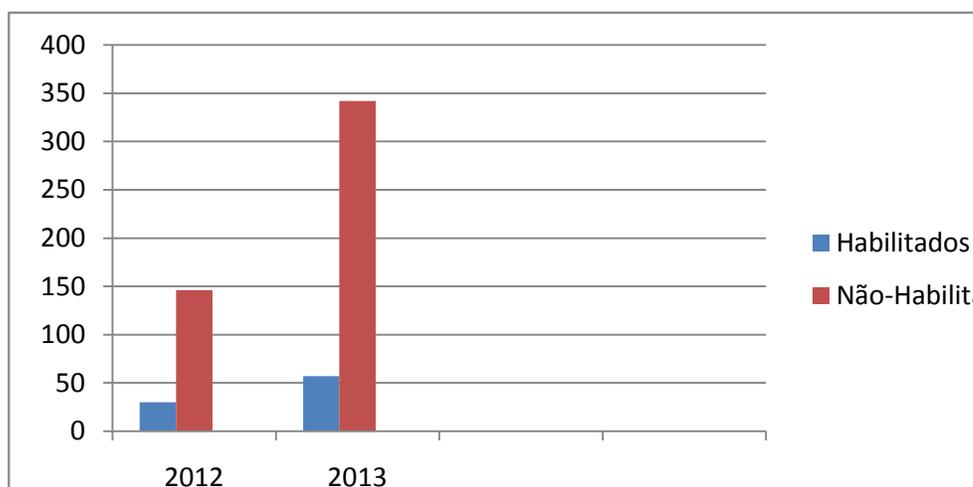


Gráfico comparativo.

Observa-se no gráfico acima no comparativo entre 2012 e 2013, um considerável aumento na procura dos docentes pela disciplina arte, tanto no que se refere aos profissionais não-habilitados, o que significou mais do que o dobro, de 146 para 342. Quanto aos profissionais habilitados, parcela em que o número quase dobrou, passou de 30 para 57.

Por que a disciplina vem gerando tanto interesse nos docentes em geral do sul do estado do Espírito Santo? Seria esse aumento proporcionado pelas facilidades que o sistema oferece a qualquer graduado em licenciatura lecionar a disciplina de arte? Observa-se também no mercado local um grande número de profissionais formados nas mais diversas licenciaturas. Só na região são cinco faculdades particulares que ofertam esses cursos, sem contar com as faculdades à distância, logo, a concorrência é acirrada na hora de se conseguir emprego. O profissional se forma para ser professor de português e como tem a oportunidade de se inscrever também para o cargo de não-habilitado em arte, ele tenta as duas possibilidades e quando não consegue uma boa classificação na sua área específica é redirecionado para a área afim, nesse caso para a disciplina de arte.

Já o aumento no número de habilitados, graduados em arte, se deve, provavelmente, à conclusão da primeira turma do Curso de Artes Visuais –

Licenciatura/EAD/UFES/IFES, semipresencial, ofertado no pólo UAB da cidade de Cachoeiro de Itapemirim, iniciado no final de 2008, com trinta alunos selecionados através de processo seletivo, e que no final de 2012 graduou vinte e três novos profissionais da disciplina de arte. O objetivo do pólo UAB é abrir um edital para a formação de nova turma no início de 2014, serão ofertadas mais trinta vagas, sendo 20% delas para professores e 80% para a comunidade. O curso em questão tem duração de quatro anos, no final de cada semestre são exigidos do aluno a preparação e apresentação de um seminário interdisciplinar e prova avaliativa de cada disciplina, objetivando um nível relevante de aprendizado.



Figura 1 - Fachada do Pólo UAB

Cachoeiro de Itapemirim.



Figura 2 - Sala de aula do Pólo UAB

Cachoeiro de Itapemirim.

Com base nessas informações podemos supor que, de quatro em quatro anos, Cachoeiro de Itapemirim terá um aumento de novos docentes habilitados em arte para atuar no mercado de trabalho. Quando se diz habilitado, junto à palavra agregam-se características positivas ao professor: preparado, qualificado e conhecedor profundo dos conteúdos específicos. Assim, vislumbra-se a melhoria do ensino de arte, que ainda hoje, vem galgando, vagarosamente, degraus em busca de uma educação de qualidade no que tange a realidade nas escolas estaduais do município. Resta saber se com a demanda criada pela lei essa oferta será suficiente.

IMPASSES

A falta de um planejamento adequado, e, sobretudo, a dificuldade de compreender que a formação deve preparar o indivíduo para muito além de demandas específicas e instáveis, tais como as orientações pedagógicas voltadas exclusivamente para o mercado, são pontos ainda nevrálgicos para a fundamentação de uma proposta pedagógica consistente. Por princípio o mercado volta-se para o acúmulo de riquezas, para a maximização da produção do capital, não possuindo compromisso real com a formação social, não é sua tarefa, mas, se possível, solicita uma formação que lhe atenda. É dessa maneira que podemos observar um grande investimento numa formação cada vez mais volátil, capacitando indivíduos por uma formação específica, prescindindo de uma verdadeira educação básica, na medida em que essa necessita de um tempo maior. Tempo que o mercado não dispõe. Nesse sentido, faz-se relevante repensar a formação humana.

Em meio à necessidade de mudanças surgem inúmeras tomadas de decisão que sem análise e planejamento nos parece indicar a perda do verdadeiro sentido da educação. A formação de um indivíduo crítico e não repetidor vem se tornando cada vez mais distante em meio a tantas facilidades contemporâneas. Há anos vem se falando que o professor não é mais o detentor do conhecimento, e que esse passou a ser o mediador, aquele que estimula a troca de informação em sala de aula propiciando o conhecimento, e que junto aprende. Mas de que maneira ocorre essa interação, essa troca, entre os participantes no processo de ensino?

Acreditamos que uma formação ampla do aluno é o que se deve ser focado nas instituições escolares, possibilitando o desenvolvimento no aluno do aspecto cognitivo, mas também de sua sensibilidade. Uma preparação integral visa atender a qualquer exigência do mundo, não parece justa uma instrução destinada a determinadas habilidades voltadas para, como dissemos acima, uma demanda específica. Contudo, segundo Shusterman, “Dewey enfatiza que a experiência estética é um prazer totalmente corporal, envolvendo ‘a criatura inteira na sua vitalidade unificada’ e rica em

satisfações sensoriais e emocionais, desafiando a redução espiritual que faz do prazer estético um mero deleite intelectual.” (DEWEY *apud* SHUSTERMAN, 1998, p. 46)

A disciplina de arte pode, sem dúvida, desenvolver o lado sensível do aluno, fazendo-o perceber o mundo por diversos vieses, o que exigiria tornar-se dinâmico e criativo. Nessa perspectiva, Shusterman (1998, p. 24) afirma “a arte é um conceito intrinsecamente aberto e mutável, um campo que se orgulha de sua originalidade, novidade e inovação.” Características essas também exigidas pelo mercado de trabalho e na vida como um todo. Se a arte pode agregar valor ao processo de ensino aprendizagem por lidar com a sensibilidade, podemos aproveitá-la como uma ferramenta de ensino, visando alcançar o aluno, atraindo-o através de uma linguagem mais prazerosa.

Um outro dado adquirido na Superintendência de Educação de Cachoeiro de Itapemirim/ES refere-se à infra-estrutura nas escolas para atender as reais necessidades do ensino da arte. Em 36 instituições de ensino estaduais na cidade, sendo 28 urbanas e 08 rurais, não há em nenhuma delas uma sala específica disponibilizada aos professores de arte. Ainda, em nosso meio, não foi percebida a relevância de tal espaço. Claro que não é ele, ou a falta dele, que por si só definirá a qualidade do ensino, mas o espaço é um dos fatores fundamentais para o processo de ensino aprendizagem.



Figura 1

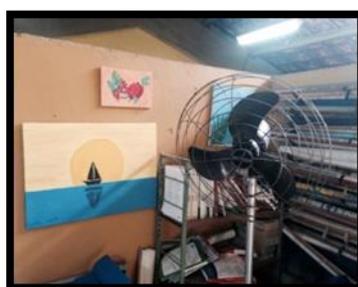


Figura 2



Figura 3

Figuras 1 e 2: Pinturas em tela de alunos amontoadas na sala de pedagogia.

Figura 3: Trabalhos em cartaz de alunos amontoados acima dos armários na sala dos professores.

Nas instituições escolares é interessante que os alunos vejam seus trabalhos expostos como meio de estímulo, como forma de desenvolver o senso crítico ao observar o trabalho do outro e também ao interpretar. Uma sala de aula específica como um espaço próprio para a disciplina arte pode gerar uma apropriação, que leva à intimidade com o local e a disciplina, o que aproxima cada vez mais o aluno dos conteúdos. Além de propiciar ao professor uma facilidade para a aplicação das aulas e a não preocupação, por exemplo, com um picote de papel que caiu no chão durante a aula, um pingo de tinta guache sobre a mesa e etc... Assim como é relevante ter disponíveis materiais para desenvolver as atividades nas aulas, que trarão resultado para o desenvolvimento do aluno em seu fazer artístico. A arte exige prática, como defende Dewey, arte é experimentação.

O ensino de arte possibilita a liberdade de expressão e precisamos tê-lo sim nas escolas, como nos obriga a lei. Mas, somente pela força da lei não conseguiremos um ensino de arte com qualidade, é relevante que a disciplina seja vislumbrada em seu potencial por completo. De acordo com Herbert Read: "... a arte é o melhor guia para um sistema educacional que tenha alguma preocupação com as diversidades naturais de temperamento e personalidade" (READ, 2001, p. 183). Conforme pode ser observado na figura 4, em que a aluna desenhou e em seguida está pintando seu próprio trabalho, ou na figura 5, em que os alunos "se jogam no chão" para participarem da oficina de teatro ou ainda na figura 6, em que o aluno se empenha para acertar as notas na flauta, pois é nítida a atenção desprendida e o interesse dos alunos em realizar as tarefas, sejam elas pintura e desenho, teatro ou música, dentre as demais expressões artísticas que a arte como um todo nos oferece como linguagens, que podem vir a ser bem trabalhadas em sala de aula com respeito e dignidade à disciplina que tanto pode favorecer a uma formação humana.



Figura 4



Figura 5



Figura 6

A NECESSIDADE DA VALORIZAÇÃO DA ARTE NA ESCOLA

Platão, um dos grandes filósofos da história, no século IV antes de Cristo, apontou um novo rumo à educação da época. Foi antecedido por Sócrates, Grécia Antiga, que direcionava a educação para o preparo corporal, um corpo forte e saudável, objetivando a vitória nas lutas, sendo a realidade temporal, a conquista de territórios. Platão nos aponta um pensamento que consegue ir além nas possibilidades advindas da educação, além do corpo, apontava também a necessidade do indivíduo ser preparado como um todo, objetivando não somente a conquista de territórios como também a gestão dos mesmos, as então chamadas polis.

O corpo e a mente passam a ser o foco da educação na Grécia Clássica. Para tal, Platão, insere às disciplinas já trabalhadas, duas novas: a música e a poesia. Para ele essas poderiam, junto às demais, preparar o indivíduo de forma integral, conforme afirma Henri-Iréné Marrou³: “[...] bons Socráticos, insistem sobretudo no aspecto moral da educação, da formação pessoal, da vida interior.” (MARROU, 1945, P. 72) Uma formação voltada para o corpo e a alma. Para Platão o corpo é a prisão da alma e o exercício liberta a alma para alcançar o belo, que está fora do eu. Um homem belo, para ele, será extensão do homem, o que significa um homem ético e sensível que

³ Henri-Iréné Marrou historiador francês, 1904 a 1977, especialista nos temas: início do cristianismo e filosofia da história. Também conhecido como musicólogo, sob o pseudônimo de Henri Davenson.

passa a ser ápice do alcance individual. Sendo o primeiro um ser do bem e verdadeiro e o segundo um ser proporcional e harmonioso. O teórico aponta a obtenção dessas características como uma busca incansável da humanidade. E que essa pode ser alcançada através da filosofia ou da arte, como pode ser observado na citação: “A busca do Belo é um desejo de eternidade, uma espécie de vontade de purificação; a mesma só poderia deixar no homem o amor e a alegria.” (HUISMAN, 1961, p. 19).

Platão optou pela filosofia à arte, mas contribuiu imensamente para a segunda com suas análises críticas sobre o tema. Apontou na arte, positivamente, seu potencial sensorial, sua capacidade de trabalhar os sentidos do indivíduo, o que o faz ir além do mero corpo físico, visando alcançar o inteligível. E apontou também críticas negativas ao se referir ao produto final, à obra de arte como mera cópia da realidade, não tendo assim, para ele, grande valor. Em seus escritos podemos observar suas críticas sobre a arte, hora valorizando-a hora desvalorizando-a, assim como também podemos observar que mesmo com suas críticas ele sugere e aplica a utilização da arte em suas práticas educacionais, unindo o útil e o agradável na formação humana. Contudo, Platão aponta que:

[...] o menino deveria acumular, antes de tudo, um repertório de poesias líricas, se quisesse tornar-se um dia capaz de participar honrosamente dos banquetes e de passar por um homem culto. (MARROU, 1945, P. 75)

Podemos destacar nas obras de Platão, como por exemplo, no livro III da República, ou ainda na Política de Aristóteles uma preocupação com a arte de maneira geral, parece impossível para o grego educar sem levar em consideração a dimensão estética, afinal, formando o homem sob os princípios da kalokagatia (beleza e bondade) se tem, por conseguinte, uma cidade boa e igualmente bela. Denis Huisman afirma: “... a arte para Platão está numa busca espontânea, natural, sadia e sincera; a arte é uma descoberta. Trata-se de encontrar a harmonia, ou de reencontrar o

esplendor, que todos possuímos, escondido nas profundezas de nossa preexistência.” (HUISMAN, 1961, p. 22).

A arte como disciplina, para Platão, prepara o indivíduo de forma integral. Corpo e mente dispostos e preparados para fazer a gestão das polis. Sobreviver e bem em meio à nossa sociedade é uma dádiva, para tal as exigências são enúmeras, como: além de ter um bom currículo, temos que saber se relacionar com o próximo, saber se impor em algumas situações em outras sermos humildes, ora ter coragem para dar sua opinião e ora ter medo de algumas decisões. Ou seja, o emocional do indivíduo tem que estar preparado, para então, junto com o racional conseguir viver nessa “selva de pedras” como diriam os Titãs. Uma formação ampla do aluno é o que deve ser focado nas instituições escolares. Assim esse estará preparado para enfrentar situações, seja no trabalho, seja na família, seja em meio aos amigos, na escola ou em outro lugar. Um indivíduo preparado para a vida, como infere a Lei de Diretrizes e Bases do Brasil.

Se a arte pode agregar valor ao processo de ensino aprendizagem por trabalhar com a sensibilidade das pessoas, podemos aproveitá-la como uma ferramenta de ensino, visando alcançar o aluno, atraindo-o com uma linguagem mais prazerosa, a linguagem estética. Faz-se necessário um ambiente agradável para os estudos, seja na sala de aula ou em casa.

Um ambiente desfavorável pode dificultar o processo de ensino aprendizagem, que é um processo de comunicação, que precisa funcionar naturalmente para que o objetivo do professor, o emissor, seja alcançado no aluno, o receptor, ou seja, para que ocorra um retorno positivo. De acordo com Read “a comunicação implica a intenção de influenciar outras pessoas, sendo assim uma atividade social.” (READ, 2001, p.182) Uma sala de aula precisa estar preparada, pois essa é o meio em que o processo irá acontecer. O barulho, a sujeira, as carteiras quebradas, o calor, dentre outros pontos, podem ocasionar o ruído na comunicação entre professor e aluno, o que levará ao desinteresse pela aprendizagem. O ruído é uma quebra no processo de comunicação, algo que atrapalha a efetivação do ciclo em que a mensagem tem que ir e vir.

A arte pode vir a agregar muito valor ao processo de ensino aprendizagem, pois trabalha o sensível-cognitivo no aluno. Mas é relevante todo um embasamento, seja ele físico, emocional, cognitivo e de atitudes criativas para que a disciplina funcione como um meio, um canal, uma linguagem em busca de uma educação de qualidade.

A Educação Estética trabalha a sensibilidade, tem como princípio a sensibilização do indivíduo, foca os sentidos como forma de despertar o conhecimento. Uma estratégia que envolve o indivíduo como um todo, de forma integral, situação essa já priorizada por Platão, no século V antes de Cristo. Pensamentos esses também defendidos por pesquisadores como John Dewey, Ana Mae Barbosa e Herbert Read que visam através da arte o despertar sensível-cognitivo na educação e não apenas o conhecimento científico, duro e frio. O desenvolvimento intelectual é necessário, mas para chegar a tal os meios podem ser mais estimulantes.

O filósofo e pedagogo norte-americano, John Dewey⁴, em seus estudos e pesquisas sofreu influências de grandes pensadores que o antecederam, como Platão, Locke, Rousseau, Kant, Hegel, Darwin, Peirce, entre outros. Dewey estimulou pensamentos que vinculam a arte à reforma social. Pragmático, defendeu a experimentação, viu na prática das atividades um rumo positivo para a formação humana, conforme podemos observar na citação seguir: “A estética torna-se muito mais central e significativa quando admitimos que, ao abranger o prático, ao refletir e informar sobre a práxis da vida, ela também diz respeito ao social e ao político.” (SHUSTERMAN, 1998, p. 15)

Para Dewey o conceito de arte é muito extenso e aberto, “... a noção de experiência estética cobre inúmeros objetos que não temos o hábito de ver como artísticos (por exemplo, arrumação de uma sala ou a atividade esportiva)...” (SHUSTERMAN, 1998, 21) E defendeu a relevância da arte na vida do ser humano, pois para ele a arte propicia a experiência estética que leva o indivíduo à prática

⁴ John Dewey criou a estética pragmatista e escreveu muito sobre a arte e a relação entre a estética como essencial para filosofia.

sensível. Dewey valoriza muito mais o fazer artístico do que o produto final, a obra de arte em si, e sugere que a vivenciemos em nosso dia a dia.

O filósofo questionou a oposição entre a prática e a estética e defendeu a possibilidade de ambas interagirem de forma integrada, característica da experiência estética. Segundo ele não há justificativa para a distinção entre o útil e as belas-artes:

Mas como afirma Dewey, a classificação redutora da arte às belas-artes reflete, tanto quanto reforça, uma divisão viciosa da sociedade moderna entre trabalho prático (tido como intrinsecamente desagradável) e experiência estética (tida como fonte de alegria, embora sem função)... (SHUSTERMAN, 1998, p. 40)

Dewey introduziu ideias revolucionárias sobre como se dá a evolução do conhecimento nas pessoas, primeiramente, via como um processo social, em seguida, em continuação de seus estudos, apontou que o conhecimento se constrói, principalmente, através das experiências sensoriais, o empirismo. Foi uma contribuição pedagógica na tentativa de unir o ensino e a prática. Não aceitava a ideia de ser a educação um processo de transmissão de algo acabado. Para ele o saber devia ser integrado à vida do cidadão, visando uma educação progressista, que desenvolve a capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno.

Separar arte e vida, para Dewey, é um problema. Ele defende a inter-relação entre o prático e o cognitivo, sem perder a estética. Para ele a arte assume o papel de moldar um todo integrado, nessa perspectiva: "... Dewey enfatiza que a experiência estética é um prazer totalmente corporal, envolvendo "a criatura inteira na sua vitalidade unificada" e rica em satisfações sensoriais e emocionais, desafiando a redução espiritual que faz do prazer estético um mero deleite intelectual." (SHUSTERMAN, 1998, p. 46).

A experiência estética envolve o ser como um todo e possibilita a crítica e o desenvolvimento da prática artística. E não há experiência estética sem a prática artística. Pensamentos esses defendidos na citação: "Dewey até define a acumulação,

a tensão, a conservação, a antecipação e a realização como formas características de uma experiência estética.” (SHUSTERMAN, p. 48). E ele define que tal experiência sempre depende de percepções prévias, orientações preexistentes, o que eleva o indivíduo “[...] a criação artística é em si uma experiência intensa, que forma tanto o artista como a obra.” (SHUSTERMAN, p. 47). A teoria de Dewey vislumbra na arte a possibilidade de uma elevada experiência estética, contrapondo-se às limitações penosas das práticas artísticas institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cientes da obrigatoriedade do ensino da arte no Brasil, em todos os níveis da educação básica (infantil, fundamental e médio) e frente às recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, esse trabalho apresenta os primeiros passos para uma dissertação de mestrado que busca apontar as formas pelas quais vem sendo oferecida a formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais no Pólo UAB em Cachoeiro de Itapemirim, e seus desdobramentos na educação. Parafraseando Dewey, a arte precisa ser praticada, pois a arte é a experiência em si, é no fazer artístico que o indivíduo se desenvolve. Shusterman nos alerta que, “... a criação artística é em si uma experiência, intensa, que forma tanto o artista como a obra.” (SHUSTERMAN, 1998, p. 47).

Em suma, o ensino da arte apresenta problemas de oferta, cobertura e qualidade na grande parte das escolas públicas locais, assim como o ambiente físico e a dinâmica de funcionamento das escolas estão em defasagem, o que demonstra um entrave ao esperado reconhecimento que se deve à arte no meio escolar. Não é de total aproveitamento que a arte seja apenas citada nos currículos ou em projetos pedagógicos. A postura do sistema educacional tende a mudar e o caminho, pelo menos no Estado do Espírito Santo, nos parece, vem sendo construído, mesmo que lento devido ao atraso advindo do passado.

O novo currículo escolar desse estado diz: “No desenvolver de processualidades artísticas, os sujeitos entram em contato com elementos que lhe fornecem meios para observar, perceber e atuar no mundo de forma mais ampla.” Acreditando nessa afirmação segue-se em frente, na busca pela valorização da arte na escola.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares. **Recorte e colagem**: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 1989.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2000. 10 v. ISBN 8586584703(v.1) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-serie-s&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859>. Acesso em: 12 ago. 2010.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. In: Os Pensadores. Tradução Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. Abril Cultural, 1980.

HEAD, Herbert, 1893-1968. **A Educação pela Arte**. Tradução Valter Lelis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HUISMAN, Denis. **A Estética**. Tradução: J. Guinsburg. 2ª Edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a Arte**. O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998.

Recebido em: 30 de setembro de 2014

Aprovado em: 28 de novembro de 2014